

apresentação da revista
presentación de la revista

ANNY OCORÓ LOANGO

colombiana

Doctora en Ciencias Sociales

Investigadora del Conicet

Presidenta de la Asociación de Investigadores/as

Afrolatinoamericanos/as y del Caribe • AINALC

tradução ao português • Marcos de Jesus Oliveira

Futuros esperançadores da Diáspora Africana na América Latina

Vivemos tempos complexos em que a globalização, a crescente automatização dos processos produtivos, a expansão dos meios digitais e a centralidade que a Inteligência Artificial vai ganhando são uma realidade da qual não podemos fugir. As plataformas virtuais estão transformando totalmente nossa vida cotidiana, bem como a organização social e econômica das sociedades atuais. As mudanças estão ocorrendo não apenas no mundo do trabalho e nas formas de organização das instituições, mas também nas subjetividades que afetam as relações humanas. Em suma, é uma transformação que não é exclusivamente econômica ou tecnológica, já que implica também uma mudança cultural em grande escala que afecta tudo o que fazemos. Assistimos a uma mudança civilizatória que nos coloca perante um processo de transformação inimaginável em que emerge uma nova sociedade.

Ao mesmo tempo, muitas das narrativas que davam coerência, significado e coesão às sociedades estão hoje em declínio. A incerteza domina o cenário e não deixamos de nos preocupar com o que está por vir, pois na verdade não sabemos se estamos entrando num mundo à deriva e à mercê de interesses espúrios que antecipam novas e maiores crises globais. Acontece que vislumbramos um presente tão incerto. Vivemos um momento crucial que nos leva a um futuro que carrega as injustiças do presente, que carrega as marcas da desigualdade. Podemos ver isso claramente na situação dos povos indígenas e afrodescendentes que enfrentam desvantagens históricas e estruturais, em especial no acesso à educação e ao mercado de trabalho. Estas desigualdades são uma expressão do racismo estrutural que, infelizmente, goza de boa saúde na região.

Futuros esperanzadores de la Diáspora Africana en América Latina

Vivimos tiempos complejos en los que la globalización, la creciente automatización de los procesos productivos, la expansión de los medios digitales y la centralidad que va ganando la Inteligencia Artificial son una realidad de la que no podemos sustraernos. Las plataformas virtuales están transformando totalmente nuestra vida cotidiana, al igual que la organización social y económica de las sociedades actuales. Se están produciendo cambios no solo en el mundo del trabajo y en los modos de organización de las instituciones, sino también en las subjetividades que afectan las relaciones humanas. En definitiva, se trata de una transformación que no es exclusivamente económica o tecnológica, ya que implica, además, un cambio cultural de gran envergadura que afecta a todo lo que hacemos. Assistimos a un cambio civilizatorio que nos pone frente a un proceso de transformación inimaginable en el cual está emergiendo una nueva sociedad.

Al mismo tiempo, muchas de las narrativas que daban coherencia, sentido y cohesión a las sociedades se encuentran hoy en declive. La incertidumbre domina la escena y no deja de preocuparnos lo que vendrá, pues en realidad no sabemos si estamos entrando en un mundo a la deriva y a merced de intereses espúrios que anticipan nuevas y mayores crisis globales. Resulta vislumbrar un presente tan incierto. Habitamos un momento bisagra que nos lleva hacia un futuro que arrastra las injusticias del presente, que lleva las marcas de la desigualdad. Esto lo podemos ver claramente con la situación de los pueblos indígenas y afrodescendientes que enfrentan desventajas históricas y estructurales, especialmente en el acceso a la educación y al mercado de trabajo. Dichas desigualdades son una expresión del racismo estructural que tristemente goza de buena salud en la región.

É sabido que estas populações, em geral, exercem empregos menos qualificados e, na sua maioria, em condições precárias no mercado de trabalho informal, o que reproduz as desvantagens cumulativas e restringe as suas possibilidades de mobilidade social. Além disso, têm sido historicamente marginalizadas em relação aos projetos hegemônicos de nação, e em vários países da região houve mesmo tentativas de apagá-las. Lembremos que, na América Latina, e como produto do tráfico de escravizados implantado no quadro das relações coloniais, a cor da pele negra é inferiorizada. As populações negras foram associadas e aprisionadas numa estrutura que as degradou, objetificou e animalizou. Consequentemente, existe uma forma de pensar sobre elas e de ver a sua história e identidade a partir de um lugar subalterno que limita o seu pleno acesso aos direitos dos cidadãos. Esta situação, na realidade, não pode ser ignorada quando se pensa nas especificidades que o racismo adquire nas nossas sociedades contemporâneas. Lembremos que o discurso racista, ainda presente nas sociedades atuais, tem se manifestado principalmente contra os povos indígenas e afrodescendentes. Lamentavelmente, durante décadas, as sociedades latino-americanas procuraram negar as raízes negras e indígenas, bem como suas contribuições à história e cultura dos estados nacionais (OCORÓ, 2020).

Ao mesmo tempo, vemos como os agronegócios e os projetos extrativistas de exploração de recursos naturais, bem como os megaprojetos de mineração e agrícolas capitalistas, colocam em risco a preservação dos territórios, dos direitos e das tradições culturais indígenas e afrodescendentes. O capital devora e desfaz as fronteiras ético-culturais —e com elas os saberes, as práticas e as culturas que protegem o território que dele cuidam—, com o objetivo de comercializá-lo e favorecer a acumulação dos setores privilegiados da economia. Esta desapropriação territorial, e a violência que estas pessoas enfrentam hoje face ao ataque do capital com os seus grandes mega-projetos econômicos, estão articuladas com o racismo estrutural. Na verdade, esta virulência não pode ser compreendida sem levar em conta que os territórios, conhecimentos e identidades dos povos negros e indígenas foram classificados como inferiores, situação que autoriza a desapropriação e a violência já que vistos como pessoas sem valor.

Es de sobra conhecido que estas poblaciones, en general, desarrollan los trabajos menos calificados y, en su mayoría, en condiciones de precarización dentro del mercado informal de trabajo, lo cual reproduce las desventajas acumulativas y restringe sus posibilidades de movilidad social. Además, históricamente han sido marginalizados de los proyectos hegemónicos de la nación, y en varios países de la región hasta se intentó borrarlos. Recordemos que, en América Latina, y como producto de la trata esclavista desplegada en el marco de las relaciones coloniales, el color de piel negra está inferiorizado. Las poblaciones negras quedaron asociadas y presas dentro de una estructura que las degradó, cosificó y animalizó. En consecuencia, existe un modo de pensarlas y de ver su historia y su identidad desde un lugar subalterno que limita su acceso pleno a los derechos ciudadanos. Esta situación, en realidad, no puede soslayarse a la hora de pensar las especificidades que el racismo adquire en nuestras sociedades contemporâneas. Recordemos que el discurso racista, aún presente en las sociedades de hoy, se ha manifestado principalmente contra los pueblos indígenas y afrodescendientes. Lamentablemente, por décadas, las sociedades latinoamericanas buscaron negar las raíces negras e indígenas, así como también sus aportes a la historia y a la cultura de los Estados nacionales (OCORÓ, 2020).

Al mismo tiempo, vemos cómo los agronegocios y los proyectos extractivos de explotación de los recursos naturales, al igual que los megaproyectos mineros y agrícolas capitalistas, ponen en riesgo la preservación de los territorios, los derechos y las tradiciones culturales indígenas y afrodescendientes. El capital devora y deshace las fronteras ético-culturales —y con ellas, los saberes, las prácticas y culturas que protegen el territorio que cuidan de él—, con el fin de mercantilizarlo y favorecer la acumulación de los sectores concentrados de la economía. Este despojo territorial, y la violencia que enfrentan estos pueblos hoy ante la embestida del capital con sus grandes megaproyectos económicos, se articulan con el racismo estructural. En efecto, esta virulencia no se puede comprender sin tener en cuenta que los territorios, los saberes y las identidades de los pueblos negros e indígenas han sido calificados como inferiores, una situación que autoriza el despojo y la violencia en tanto son vistos como pueblos sin valor.

Também é importante mencionar o momento político em que a região vive autoritarismos que nos alarmam. A extrema direita latino-americana tem se articulado a passos largos, e reedita o discurso racista para construir hegemonia nas diferentes camadas da sociedade. A agenda política do ódio também está ganhando espaço político e institucional em vários países, não só na região, mas também na Europa. Estes discursos são também promovidos pelos grandes poderes midiáticos, que incluem as redes sociais e diferentes expressões do poder político, do poder empresarial e dos líderes religiosos. Estes últimos ocupam cada vez mais espaços institucionais e ganham espaço tanto no campo cultural como no campo simbólico, pois oferecem consolo e esperança às famílias que habitam territórios marcados pela violência, mas entorpecem sua resistência, cooptando-as para os interesses da direita. Acima de tudo, estamos assistindo a uma mudança cultural em que emergem novas subjetividades com as quais temos de dialogar e não desqualificá-las pela sua imediatez ou porque, aparentemente, não defendem as nossas mesmas bandeiras, ou porque também são produzidas em tempos de capitalismo cultural, conforme descrito por Brea (2007).

É neste contexto que surge **Diáspora Africana**, a revista da Associação de Investigadores Afro-Latino-Americanos e Caribenhos, que nasce da necessidade de termos espaços próprios de divulgação, para tornar visível o pensamento intelectual afro-diaspórico — muitas vezes ignorado, insultado, não reconhecido— para construir novas narrativas em novos tempos e para contribuir para os debates do presente a partir de uma perspectiva crítica, progressista.

Nesse sentido, ao tornar visível a tradição intelectual africana e afrodiaspórica, a revista contribui também para a luta contra o racismo epistêmico que construiu um imaginário das populações africanas e das suas diásporas como sujeitos alheios ao conhecimento. Além disso, a revista busca intervir nos debates intelectuais que o contexto histórico, cultural e político nos exige, e na disputa pela construção de novas interpretações do mundo. Um mundo que, como já referimos, está passando por

También es importante mencionar el momento político que vive la región en el que se despliegan autoritarismos que nos alarman. La extrema derecha latinoamericana viene articulándose a pasos agigantados, y reedita el discurso racista para construir hegemonía en las distintas capas de la sociedad. La agenda política de odio también está ganando espacio político e institucional en varios países no solo de la región, sino también de Europa. Estos discursos son así mismo impulsados por los grandes poderes mediáticos, en los que se incluyen las redes sociales y distintas expresiones del poder político, del poder empresarial y de los líderes religiosos. Estos últimos cada vez ocupan más espacios institucionales y ganan terreno en el campo cultural como en el campo simbólico, ya que les ofrecen consuelo y esperanza a las familias que habitan territorios marcados por las violencias, pero adormecen sus resistencias cooptándolas hacia intereses de derecha. Sobre todo, asistimos a un cambio cultural en el que emergen nuevas subjetividades con las que tenemos que dialogar y no descalificarlas por su imediatez o porque, aparentemente, no defienden nuestras mismas banderas, o porque también son producidas en tiempos de capitalismo cultural como lo califica Brea (2007).

Este es el contexto en el que surge **Diáspora Africana**, la revista de la Asociación de Investigadores/as Afrolatinoamericanos/as y del Caribe, que nace por la necesidad de contar con nuestros propios espacios de divulgación, para visibilizar el pensamiento intelectual afrodiaspórico — tantas veces ignorado, denostado, no reconocido— para construir nuevas narrativas en nuevos tiempos, y para contribuir a los debates del presente desde una perspectiva crítica, progresista.

En ese sentido, al visibilizar la tradición intelectual africana y afrodiaspórica, la revista también contribuye a la lucha contra el racismo epistémico que ha construido un imaginario de las poblaciones africanas y sus diásporas como sujetos ajenos al conocimiento. La revista además busca intervenir en los debates intelectuales que el contexto histórico, cultural y político nos demanda, y en la disputa por construir nuevas interpretaciones del mundo.

transformações culturais, econômicas e políticas em grande escala.

Com efeito, o racismo na era da inteligência artificial será um dos grandes temas de debate nos próximos anos na nossa região. Os algoritmos não são imparciais porque, como observamos, a inteligência artificial reproduz preconceitos racistas que antecipam importantes focos de tensão. Atualmente, assistimos à implementação de novas formas de racismo através destas tecnologias.

É importante visibilizar o pensamento afrodiaspórico para desafiar e combater o racismo, o sexismo e o classismo presentes nas nossas sociedades. Precisamos construir narrativas que incorporem nossa própria história, nossas formas de ver o mundo e de construir conhecimento.

Por fim, agradeço aos editores, os professores Marcos de Jesus Oliveira e José Sena e a professora Michele Lopes da Silva Alves, porque realizaram um trabalho dedicado, comprometido e valioso na organização deste número da revista. Convido o/a leitor/a a apreciá-lo, a lê-lo, a apropriar-se dele como ferramenta de luta do campo intelectual e cultural para que juntos possamos contribuir para a construção de um mundo em que todos os povos, culturas, modos de vida, conhecimentos e epistemologias sejam valorizados e reconhecidos igualmente, e podem coexistir em harmonia.

Un mundo que, como ya hemos mencionado, vive transformaciones culturales, económicas y políticas de gran envergadura.

En efecto, el racismo en la era de la inteligencia artificial será uno de los grandes temas de debate en los próximos años en nuestra región. Los algoritmos no son imparciales ya que, como hemos observado, la inteligencia artificial reproduce sesgos racistas que anticipan focos de tensión importantes. Actualmente, estamos viendo la implementación de nuevas formas de racismo a través de estas tecnologías.

Es importante visibilizar el pensamiento afrodiaspórico para interpelar y combatir el racismo, el sexismo y el clasismo alojados en nuestras sociedades. Necesitamos construir narrativas que incorporen nuestra propia historia, nuestras formas de ver el mundo y de construir conocimiento.

Finalmente, agradezco a los editores, los profesores Marcos de Jesús Oliveira, José Sena y la profesora Michele Lopes da Silva Alves, porque han realizado un dedicado, comprometido y valioso trabajo en la organización de este número de la revista. Las y los invito a disfrutar de ella, a leerla, a apropiarla como una herramienta de lucha desde el campo intelectual y cultural para que juntos contribuyamos a construir un mundo en el que todos los pueblos, culturas, formas de vida, saberes y epistemologías sean valorados y reconocidos de igual forma, y puedan coexistir en armonía.

referências referencias

BREA, J. **Cultura RAM**. Mutaciones de la cultura en la era de la distribución electrónica. Barcelona: Gedisa, 2007.

OCORO, A. L. El racismo estructural y la expansión de las fronteras del autoritarismo en América Latina. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020.



NEA ONNIM NO SUA A, OHU

"Quem não sabe pode saber aprendendo"

Provérbio da epistemologia Akan que descreve o ideograma Adinka pela busca constante de conhecimento.

NEA ONNIM NO SUA A, OHU

"Quien no sabe puede saber aprendiendo"

Proverbio da epistemología Akan que describe el ideograma Adinka por la búsqueda continua de conocimiento.